

PARA LEONILSON

*Sema*¹

¹ Sema

Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes da mesma instituição. Integrante do projeto de pesquisa Arquitetura de Artista: a construção de poéticas contemporâneas, dirigido pela artista e professora Malu Fatorelli, dos projetos de extensão A imagem fora, dirigido pela artista e professora Analu Cunha, e Experiências Indiciais, dirigido pela artista e professora Inês de Araújo. Pesquisa a relação dos estudos cuir/queer com as Artes Visuais, a metalinguagem da videoarte e questões do artista enquanto profissão. Já participou de exposições na Galeria Anita Schwartz, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, na Galeria Oásis, no Centro Cultural Phábrika, dentre outros. Contato: artistasema@gmail.com // artistasema.wordpress.com

“Hoje me sinto mais solitária do que ontem.”

Lygia Clark, Carta a Mondrian (1959)

Querido Leonilson, uma vez vi um trabalho seu no Parque Lage, era um grande pano com um bordado escrito “Leo não pode mudar o mundo porque os deuses não admitem qualquer competição com eles”. Gostaria que naquele momento o pano se desprendesse da moldura e me abraçasse, cobrindo meu corpo inteiro. Talvez seja essa a sensação que tenho em relação a toda a sua obra. Se você pudesse ter noção do legado que deixou... gostaria que um dia os estudantes de artes falassem do meu trabalho com o mesmo carinho que falam do seu. Você conseguiu a façanha de não ser apenas apreciado, mas também amado pelas pessoas. E, embora muitos que conviveram contigo falem que você era uma pessoa ácida e sarcástica, acredito que isso de maneira alguma contradiz a delicadeza e a vulnerabilidade que eu e tantos outros enxergamos em seu trabalho.

Você me ensinou a transformar a minha vida pessoal em matéria-prima de meu trabalho artístico, e a não ter medo de mergulhar fundo na minha própria intimidade. O que mais eu faria com toda essa frustração e insegurança? Isso atribui uma certa autenticidade à obra, não? Como se nenhuma outra pessoa no mundo fosse capaz de fazer aquele trabalho daquela maneira. Eu queria a empatia e o carinho das pessoas também. Eu queria contar histórias e ser protagonista delas. As pessoas geralmente se importam e torcem por protagonistas.

Mas aí o ato de compartilhar essa intimidade se tornou um fardo pesado. A cada exposição um pedaço de mim ia embora. Eu sentia a necessidade constante de justificar tudo. E como falar do meu trabalho sem falar de quem eu sou e enfrentar as consequências dessa escolha? Não houveram mais limites saudáveis entre a minha prática artística e a minha vida pessoal. Eu estava trazendo cada vez mais à tona questões ainda mal resolvidas dentro de mim. Eu poderia esperar elas se resolverem, mas não há realmente garantia de que isso ocorra. E o trabalho artístico, em vez de me ajudar a lidar com elas, na realidade, parecia exigir de mim posicionamentos e certezas imediatos.

Acredito que eu e você compartilhamos, além do signo de Peixes, o sentimento da solidão. Lembro que, em minha adolescência, o maior

problema da minha vida era ser bicha. Com o passar do tempo, meu processo de autodescoberta me permitiu experimentar uma liberdade que resolveu esta questão, enquanto o posto de maior problema da minha vida era ocupado pela *solidão* de ser bicha. Hoje tenho consciência de que este aspecto foi determinante para grande parte das decisões que tomei em minha vida adulta em relação a quais caminhos eu deveria seguir a partir de então. A solidão começa quando sofremos discriminação por não atendermos às expectativas normativas da sociedade, mesmo quando somos inocentes demais para entendermos quem somos, e continua quando precisamos reprimir nossas identidades porque sabemos que temos muito a perder.

Você uma vez disse, em seus diários gravados em fita cassete, que você não era uma bichinha, e que tinha certeza da sua masculinidade. Isso chamou minha atenção porque criou um conflito geracional entre nós. Compreendo que essa afirmação pode ser vista como um comentário inofensivo, próprio de um pensamento em voz alta de alguém em sua intimidade, ou mesmo um produto de seu tempo, quando o termo “bichinha” carregava um estigma muito maior. Um olhar mais atento pode perceber que ainda hoje muitos homens gays cisgêneros gostam de afirmar uma superioridade masculina normativa que os diferencie das viadas e bichas afeminadas. Contudo, senti nessa fala um forte ponto de oposição entre eu e o artista que tanto me influenciou. Em meu processo de autodescoberta, o termo bicha era o que mais se aproximava da forma como eu me enxergava. Eu sou uma bichinha que não tem certeza alguma. Nem mesmo a certeza de ser bichinha.

Hoje procuro ter mais generosidade comigo mesmo. O tempo pode não nos dar certezas, mas ele é necessário e pode nos ajudar muito. Tenho mais coragem de admitir meus processos, minhas dúvidas e limitações. As críticas virão naturalmente, mas elas nem sempre serão verdades absolutas. Gostaria de dizer que não sinto mais a necessidade de provar nada para ninguém, que aprendi que nenhuma pessoa tem autoridade sobre a identidade da outra, e talvez eles sejam o problema e não eu. Posso errar no meio do caminho e admitir que aquilo que pensei ontem não me reflete hoje. Cada trabalho que realizo, assim como esta carta, é um reflexo de quem eu fui naquele momento, e todos são igualmente legítimos. Compreendo mais minhas contradições e me cobro menos. Acredito que, assim como você, também não posso mudar o mundo.